

# OS PRIMEIROS PASSOS NA CLÍNICA DE HÁ 70 ANOS DESCRITOS POR ROMÃO LOFF

MILLER GUERRA

Centro de Estudos Egas Moniz. Hospital Santa Maria. Lisboa. Portugal.

Em 1961 pedi ao Dr. Romão Loff que descrevesse os primeiros passos que dera no exercício da clínica. Passados dias entregou-me a narrativa seguinte que é um documento valioso sobre um assunto poucas vezes versado pelos historiadores da medicina. O exercício da medicina nas diferentes épocas, atrai menos a atenção dos cultores da História, do que a evolução científico-técnica, privando-nos assim do conhecimento das relações do médico com o doente ou, de um modo genérico, da medicina com a sociedade. Sabe-se relativamente bem como, e onde, se originaram e desenvolveram, as grandes descobertas científicas, mas sabe-se pouco sobre a vida médica das mesmas épocas.

O documento que publicamos preenche uma pequena lacuna da História da Medicina em Portugal, respeitante aos meados do primeiro quartel do nosso século.

Dois palavras para recordar o Dr. Romão Loff, clínico geral e neurologista, durante mais de sessenta anos. Foi assistente e colaborador do Prof. Egas Moniz, desde a criação da Cadeira de Neurologia em Lisboa, em 1911. Devo-lhe a minha iniciação neurológica e muitos conselhos e ensinamentos que ainda hoje relembro com proveito. Acerca de Romão Loff, escreveu o Prof. Barahona Fernandes (1969): «Loff participava do método e do rigor analítico e objectivante da Escola Neurológica de Lisboa. Sem a menor concessão a interpretações fantasiosas ao apreciar a semiologia e o diagnóstico clínico. Pela sua simplicidade, naturalidade e moderação, quase timidez, infundia confiança nos consulentes, tal a autenticidade das suas atitudes e a candura das suas palavras».

Entre outros trabalhos que publicou, salientamos dois: *Um caso de myelite difusa aguda, hemorrágica e infiltrativa* (Dissertação inaugural), 1914; *Aspectos flebográficos da circulação cerebral* (Tese de Doutoramento), 1944.

Segue a reprodução do escrito do Dr. Romão Loff, redigido em 3 de Junho de 1961, com o título que ele lhe deu.

## Atribuições por que passava um médico há meio século para conseguir clientela

Como se começava a fazer clínica e a adquirir clientela, há 50 anos, época em que me formei em Medicina? Passado tanto tempo hoje muitos factos se me apagaram da memória, não só em consequência da idade como porque neles não pensei.

A frequência das aulas, mais ou menos teóricas como ainda agora são, não proporcionava as luzes suficientes para transformar, quase de súbito, um estudante num médico prático, num clínico. Raros eram os alunos da antiga Escola Médica que procuravam durante o curso adquirir prática e aperfeiçoar os seus conhecimentos.

Esses raros procuravam para se instruírem na prática clínica, as enfermarias frequentando-as nas horas vagas dos estudos e nas férias. Outros, com tendência para a cirurgia frequentavam o Banco, valendo-se das amizades com certos cirurgiões do Hospital de São José. Mas o Banco era mais uma tertúlia, um centro de cavaco que uma escola cirúrgica.

Foi o que eu fiz. E concluído o meu 3.º ano (1910) pedi ao Prof. Belo Moraes para frequentar a sua enfermaria no Hospital de São José e trabalhei sob a direcção de Adelino Padesca a quem devo os primeiros passos no contacto com os doentes. Lembro-me que a primeira injeção de sublimado corrosivo fui eu que a dei (intravenosa) num doente que sofria de epilepsia jacksoniana por provável goma cerebral — um sífilítico dos quatro costados.

Ao mesmo tempo frequentámos as consultas das doenças mais comuns na prática médica: Oftalmologia (Gama Pinto) e Venereologia, para esta última atraídos pela irradiante simpatia de Melo Breyner.

Estes meus estágios voluntários foram em grande parte prejudicados por deveres familiares e necessidade de ganhar dinheiro como professor livre, pois tendo falecido meu pai em Janeiro 1910 fiquei automaticamente chefe de uma família numerosa, aumentada em Junho do mesmo ano, por inesperado falecimento dum meu cunhado, com os seus justificados encargos.

Concluído o curso faltava apresentar a dissertação inaugural cuja impressão obrigatória era cara, sem a qual não se podia obter o diploma, embora fosse facultado o exercício da clínica durante dois anos sem necessidade do registo desse diploma na Repartição respectiva e respectiva licença para o exercício da clínica.

Dos condiscipulos formados, os que eram da provincia seguiram todos para suas terras e aí se confinaram. Dos lisboetas alguns concorreram aos Hospitais ou a subdelegados de Saúde. Alguns outros ficaram como assistentes da Faculdade e foi o meu curso aquele que maior percentagem de assistentes produziu. Mas nenhum dispensou a clínica livre, mais remuneradora. Como a conseguimos?

A primeira preocupação era pôr uma tabuleta na porta da residência e montar um consultório na Baixa, centro movimentado e *chic* da actividade comercial e das profissões liberais onde também se concentravam os estabelecimentos bancários e repartições do Estado. Alguns contentavam-se com o consultório na residência, principalmente aqueles que habitavam ou se instaram em bairros populosos, de pequeno nível social. Teoricamente bastava uma tabuleta para dar a indicação de que aí residia um médico a oferecer os seus serviços. Mas já no meu tempo isso não bastava e tornar o nosso nome conhecido era uma coisa difícil. O mutualismo subtraía grande parte dos que tinham precisão de médico.

Havia muitas Associações de Socorros Mútuos e bons clínicos exerceram aí a sua profissão, apesar da precariedade dos meios de que dispunham e a exiguidade dos honorários, chegando cada visita a ser remunerada por um ou dois tostões (talvez pouco mais de Esc. 10\$00 em moeda actual) quando o preço habitual de uma visita era de 10 ou 15 tostões (antes ou durante a 1.ª grande guerra). Um dos nossos objectivos era, portanto, entrar para uma Associação. Eu próprio exerci essa clínica associativa durante um mês, em substituição de um colega, sendo-me depois oferecido ficar como médico-adjunto (ou coisa parecida) lugar que não podia aceitar pelo tempo que tomava.

Acontece que a gente do povo, estando sempre em contacto com os farmacêuticos detentores então da pequena medicina, quando precisava de um médico, pedia indicação ao farmacêutico sobre o valor e competência de um determinado médico, conhecido ou não. Tornava-se, pois, necessário para arranjar clientela captar as boas graças e a simpatia do farmacêutico. Como? Procurando dar consultas nas farmácias.

Em geral era o farmacêutico que dava o primeiro passo convidando o médico a estabelecer consulta para o que dispunha de um gabinete, melhor ou pior apetrechado. E assim dei consultas em três farmácias mas só numa me fixei pois das outras, uma ficava distante e a outra farmácia.. fechou!

As consultas a princípio e em princípio eram gratuitas. Para o farmacêutico o lucro resultava do aumento de receita aviado porquanto quase todos os consulentes deixavam aí a receita para aviar. Para o médico, o lucro consistia em tornar-se conhecido e daí a maior possibilidade das visitas domiciliárias. Em certos casos essas visitas multiplicavam-se durante a doença pois os médicos cumpriam certos actos que depois foram entregues a enfermeiros (injecções, pensos, etc.). Mais tarde, quando os farmacêuticos reconheciam ou reconheceram que as consultas eram procuradas pelo valor dos médicos e não por existir uma consulta na sua farmácia — os farmacêuticos, repito, tentaram estimular a cobiça dos médicos entregando-lhes uma percentagem (20 %) sobre o valor do seu receituário, querendo forçá-los ao aumento desse valor. Eu (é evidente) nunca anuí a essa maneira de explorar o cliente pobre.

Com o andar dos tempos os papéis inverteram-se, pelo menos em muitos casos: a farmácia tal era frequentada porque dava aí consulta o Dr. Fulano. E com toda a naturalidade a consulta da farmácia, até então aparentemente gratuita, passou a ser paga, chegando ao preço de 10\$00, pouco mais ou menos em valor actual. A organização da Ordem dos Médicos acabou com a Simbiose médico-farmacêutico (que na realidade, por último, já quase não existia senão por laços ténues lucrando o farmacêutico pela cedência do gabinete apenas a frequência do seu estabelecimento comercial, visto que o receituário tornara-se livre de qualquer peia). Alguns médicos com consultas de farmácia vultuosas, tiveram que estabelecer consultório nas imediações das farmácias onde davam consulta. Foi em parte por isso que me fiz médico da Policlínica do Rato, bairro onde era conhecido, em prejuízo da Policlínica da Rua do Ouro, onde dava apenas consultas especializadas.

Lembro-me de médicos que obtiveram renome e que assim começaram a sua vida clínica, ou conservaram durante muitos anos as suas consultas de farmácia, apesar de terem granjeado uma clientela rica e remuneradora (Aníbal de Castro, Paredes, Arsénio Cordeiro pai e tantos outros). Velhos tempos!

Alguns farmacêuticos abusavam do direito consuetudinário estabelecido para instituírem em suas farmácias várias consultas, transformando os seus estabelecimentos em verdadeiras policlínicas e, faltando aos mais elementares preceitos da ética profissional, permitiam ou solicitavam a existência de consultas de outros médicos, sem prévio conhecimento e anuência do detentor da consulta, na ambição de aumentar o volume do receituário para aviar. Eu mesmo fui vítima desse vexame, embora o farmacêutico, meu amigo, apresentasse depois as suas razões e desculpas.

Eram estes os meios mais acessíveis e frequentes para tornar conhecido o nosso nome na clínica rotineira da cidade. Não quero falar nos outros métodos de reclame (jornais, tabuletas espantosas em que constava, ingenuamente, a execução de tratamentos banais ou especializados).

Os que não tinha consultório em farmácia (especialmente destinados à classe pobre) abalanchavam-se a montar consultório em casa, ou então na Baixa, valendo-se das suas relações pessoais ou familiares.

Havia também as substituições. Enquanto o médico não adquiria sofrível clientela, alguns colegas iam substituir na província médicos no gozo de licença ou impedidos de fazer clínica por outros motivos. Em Lisboa um médico nunca se ausentava para férias sem deixar um substituto e algumas vezes acontecia este ficar preferido ao médico de família, já instalado na vida ou tocado pela velhice. Assim certos médicos transferiram a sua clientela a filhos recentemente formados, o que continua a acontecer em maior ou menor escala.

Uma das dificuldades que se deparavam na clínica era a do internamento no hospital, não por falta de vagas, como depois começou a acontecer, mas pelo horror que o povo nutria para com os estabelecimentos de Assistência onde julgava ir buscar a morte. E assim gente humilde fazia os maiores sacrifícios para que não fossem sequestrados da família, mesmo que o caso se tornasse urgente ou necessário em absoluto. Tudo se modificou e mais tarde o médico só era chamado para promover a admissão hospitalar do doente.

Sou da era em que começou a floração das especialidades. Até há 50 anos como especialidades contavam-se a Cirurgia Geral, a Oftalmologia, a Urologia; Estomatologistas havia poucos. Parteiros alguns, os de nomeada. A O.R.L. estava entregue a especialistas detentores das consultas hospitalares. São demais conhecidos os nomes dos grandes neurologistas e psiquiatras os seus assistentes fizeram-se especialistas.

Com o desenvolvimento das especialidades surgiram as Policlínicas e começaram a formigar os especialistas, alguns sem grande preparação. Das policlínicas, a mais idosa é a Cental, ao Camões, com mais de 50 anos de existência. Rapazes do meu curso (pouco mais ou menos) organizaram a da Calçada da Estrela que depois foi transferida para o L. D. João da Câmara. Alguns anos depois formavam-se a do Intendente, a da Rua do Ouro, a da Rua da Prata, a do Rocio, a da Estrela, a da Estefânia, Avenidas Novas,... *tutti quanti*. Tinham vida desafogada, umas mais que outras, conforme o nome e a fama dos detentores. Mas a instituição das consultas hospitalares especializadas e, sobretudo, a da Junta de Distrito, (depois Junta de Província e agora com outro nome) prejudicava grandemente a frequência das ditas policlínicas — como mais tarde a organização médico-social aniquilou a clínica livre no que respeita às classes menos abastadas, não falando na plethora de médicos que nas principais cidades se vêm acumulando.

Pedido de separatas: Miller Guerra  
Centro de Estudos Egas Moniz  
Hospital de Santa Maria  
1600 Lisboa - Portugal